

Victor Hugo Pontes

entrevistado por Raquel Ribeiro dos Santos

Victor Hugo Pontes não tem filhos, mas ao longo da sua carreira de professor tornou-se evidente que apadrinhou muitas crianças e adolescentes e, acima de tudo, durante o processo de criação do espectáculo *Margem*.

Em *Margem*, assumiu responsabilidades perante os pais dos intérpretes, supervisionou jantares, acompanhou as avaliações escolares e reconhece que aprendeu muito. Espectáculos como *Margem* não têm tradição em Portugal. Ainda assim não podemos deixar de referir ressonâncias com espetáculos como *That night follows day* (CAMPO, 2007), *Brainstorm* (Company Three, 2015) ou *A Laura quer!* (Grupo 23: silêncio!, 2019).

—

Fala-nos do ideário deste espectáculo e para quem se dirige?

A proposta surgiu da Madalena Wallenstein, programadora da Fábrica das Artes no Centro Cultural de Belém. A ideia era fazer um espectáculo para adolescentes a partir do romance de Jorge Amado, *Capitães da Areia* (1937), sobre as pobres contemporâneas. Tornou-se claro que os capitães da areia, se existem hoje, estão institucionalizados.

Fiz um espectáculo para todo o público. Não só directamente para os adolescentes — é para adolescentes, também, porque é interpretado por adolescentes e isso regista uma grande empatia entre públicos adolescentes e o que está em cena, porque se reconhecem naqueles corpos, naqueles pensamentos e naquelas pessoas.

—

Mais do que criar para adolescentes, este processo foi sobre criar com adolescentes?

O espectáculo parte de testemunhos reais de jovens e crianças que estão institucionalizados. Existem muitos outros sítios onde estão estes capitães da areia. Mas, a minha pesquisa centrou-se em dois: Centro de Educação e Desenvolvimento de Pina Manique — Casa Pia de Lisboa e Instituto Profissional do Terço. Se o processo tivesse sido muito longo, teria sido um outro projecto, mais profundo. Aqui tínhamos um intuito muito claro: trabalhar com estes jovens para recolher sobre como é estar naqueles sítios e juntar essas histórias e experiências às dos próprios intérpretes.

Há, portanto, esse carácter documental que faz com que o espectáculo tenha uma reverberação muito diferente no público. O facto de ser interpretado por jovens que se encaixam fielmente no tipo de pessoas que deram estes testemunhos. Não estão a fazer de conta que são crianças e adolescentes, estão a contar a história de *outras* crianças e adolescentes. Isso leva o público a achar que eles estão a contar a sua própria história. Mas não. Muitas das vezes eles estão a contar a história de outro, na primeira pessoa.

—

Como foi o processo de criação com a restante equipa artística?

Grande parte dos criadores que convidei fazem parte dos colaboradores com que trabalho regularmente. Inclusivamente a cenografia é um reaproveitamento de um outro espectáculo. A palmeira é do espectáculo ZOO (2013), ainda que esteja noutra posição e com outro contexto envolvente.

A grande diferença foi mesmo na música. O convite aos Throes + The Shine foi um desafio para eles pois foi a primeira vez que compuseram para um espectáculo. Trabalhar em sonoplastia foi um desafio, estavam longe do seu universo, mas correu muitíssimo bem.

Houve sempre grande entendimento e acabaram mesmo por ser um contributo decisivo. Eu ouvia os temas e inventava novas cenas.

Com a Joana Craveiro já trabalhei como intérprete nos seus espectáculos. Conheço bem as suas palavras, conheço bem a forma como constrói os seus textos e como chega a eles. A sua colaboração foi muitíssimo importante. As palavras num espectáculo adquirem força. Fomos construindo dramaturgicamente a peça entre os dois —a partir dos textos que a Joana ia escrevendo e de sugestões que dava —e muito a partir das vivências das pessoas que fomos encontrando. Foi sempre um processo muito excitante. Tive até dificuldade em dormir durante todo o período de criação porque estava constantemente a ser assaltado com imagens. Queria ver os vídeos, ouvir as músicas e estava sempre a rever os textos e a ter ideias. Foi muito vibrante.

—

Como chegaste à construção coreográfica com estes jovens?

Usei o mesmo método que utilizo com profissionais. A nível de composição fui fazendo exactamente as mesmas coisas. Não trabalhei a pensar que estava com amadores. Tiveram de ser profissionais no que estavam a fazer e tinham de o fazer muito bem. Excepção feita à pronúncia: gosto da ideia de escala e da riqueza trazida pelos regionalismos do sotaque.

Havia dois profissionais no elenco que foram muito importantes: o bailarino André Cabral e o actor João Monteiro. O André Cabral foi um motor aglutinador do grupo. É um bailarino incrível, dos melhores que temos em Portugal. Entregou-se muito ao projecto e acabou por ser uma referência.

Queriam fazer como ele.

Com o João Monteiro já tinha trabalhado, em 2011, num momento em que ele era adolescente. Quis convidá-lo para este projecto exactamente por isso. Ele agora tem um percurso formativo muito interessante e foi importante para o grupo pois tem um extraordinário domínio da palavra que funcionou como exemplo para o grupo num outro campo que não o físico.

Foi muito bonito vê-los crescer e ver a fusão entre os actores e os bailarinos por estarem integrados uns nos outros. E é curioso ver o espectáculo passado um ano e meio e ver como os intérpretes agora estão implacáveis: não há brancas, não há falhas, é milimétrico, são rigorosos nos tempos e nas acções, é incrível.

—

Margem recebeu o Prémio Autores 2019 para Melhor Coreografia. Qual o significado deste momento?

A nomeação, só por si, foi um momento muito bonito. Foi simbólico. Queria que todos subissem ao palco caso ganhássemos. Foi um momento simbólico também ao nível do próprio conceito de espectáculo infanto-juvenil: também ali as margens estiveram no centro. Conseguir a vitória de pôr em foco, e no centro, o que é visto como marginal foi para mim mais importante do que propriamente o reconhecimento do meu trabalho.

—

Que questões sugere o espectáculo? O que te sugere?

O espectáculo tem várias camadas e não gostava de salientar só uma. O espectáculo é muito sobre a adolescência, porque eles são adolescentes. E é também muito sobre quais os valores da família. Os capitães de 1937 não tinham família —viviavam na rua porque eram órfãos. Os novos capitães têm família. Estão institucionalizados, mas alguns têm pai ou

mãe. Portanto pergunto-me quais são os valores de família que hoje existem. Isso é muito forte. Porque é que temos filhos? O que é uma família?